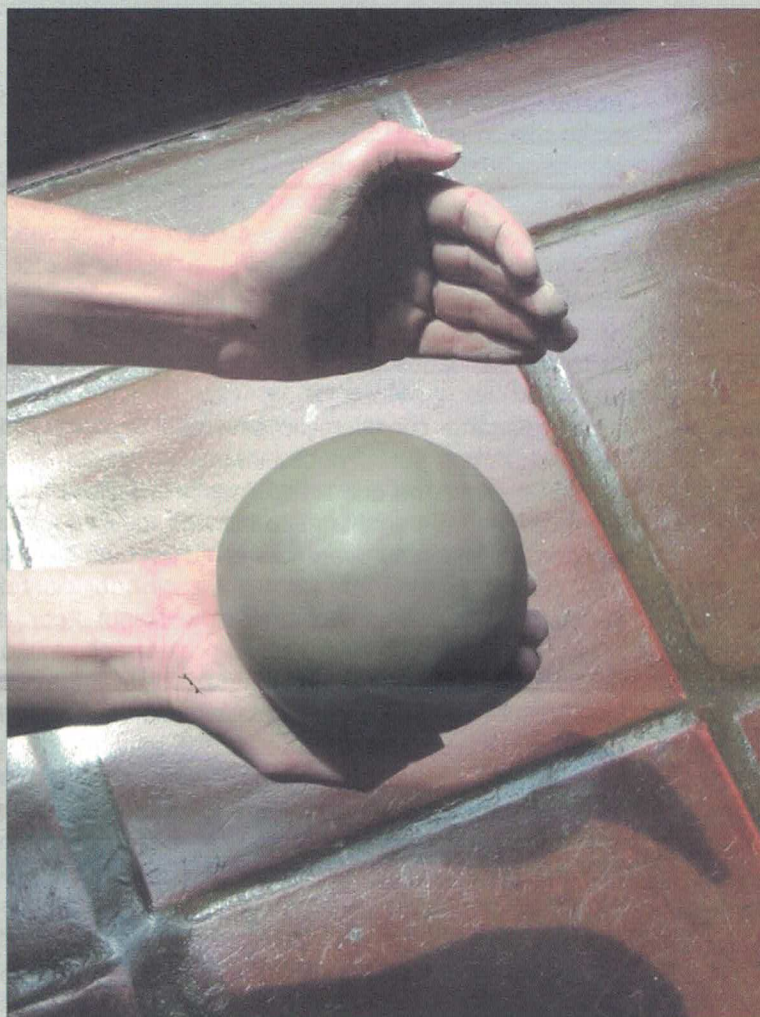


O homem, quando compreende a missão do mundo, deve almejar, antes de tudo, a intensa força que torna o eu sempre mais profundo, sempre mais divino.

Rudolf Steiner



Esfera em argila - ponto de partida para os exercícios durante o Seminário de Pedagogia Social III Organizações, realizado em Março de 2003.

ACONTECERÁ

- **1 a 4 de maio de 2003** - Seminário biográfico social - encontros e desencontros. Local: Recanto Esmeralda Barra do Sahy. Informações: Regina: maturi.regina@terra.com.br, www.erismann.com.br/biográfico
- **7 de junho de 2003**
Encontro de Troca para os Associados da Pedagogia Social. Tema: Ecologia social no macro-social. Informações: Cris: cris.diniz@uol.com.br
- **3 a 11 de julho de 2003** - Seminário de Pedagogia Social I - Introdução. São Paulo. Informações: Endre - endre@th.com.br
- **3 a 7 de novembro de 2003** - Seminário de Pedagogia Social II - Grupos. São Paulo. Informações: Regina: maturi.regina@terra.com.br
- **8 de novembro de 2003**. Assembléia Anual da Associação de Pedagogia Social. Local: Centro Paulus. Informações: Cris, cris.diniz@uol.com.br

LEIA TAMBÉM

- pág 2: Editorial
- pág 2: Empoderamento de comunidades e desenvolvimento alternativo
- pág 4: Paradigmas de uma economia fraterna
- pág 6: O encontro como possibilidade de desenvolvimento
- pág 7: Relato do Fórum social mundial
- pág 8: Depoimentos de participantes de cursos de Pedagogia Social
- pág 8: Comix

EDITORIAL

No âmbito do nosso Boletim temos procurado sempre novas formas de trabalho e novas maneiras de integração com outras áreas ligadas ao tema Pedagogia Social. A Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica é administrada por diversos grupos denominados de Círculos. Assim temos o Círculo de Seminários – responsável por realizar e ministrar os diversos cursos ao longo do ano – e o Círculo da Divulgação responsável pela comunicação com os associados e interessados. Concretamente a comunicação para os associados é feita através da edição semestral dos Boletins e do envio periódico de uma mala direta eletrônica com informes diversos (caso você não esteja recebendo esses informes e está interessado por favor entre em contato conosco).

A integração entre o Círculo da Divulgação e de Seminários já era uma realidade uma vez que relatos de participantes de cursos eram divulgados na seção Aconteceu. No entanto essa integração entre os dois Círculos tornou-se, a partir desse Boletim 17, mais interessante para os nossos leitores na medida em que todos os membros do Círculo de Seminários passarão a colaborar, de maneira metódica, com artigos e / ou traduções, enriquecendo substancialmente o conteúdo e permitindo uma aproximação altamente

desejada entre os dois grupos. Assim você estará lendo nesta e nas próximas edições contribuições da Berenice, Elizabeth, Endre, Hermanus, Jos, Mariângela, Marina e Regina.

O Boletim continua com sua estrutura intacta. Ele é subdividido nas seguintes seções: ilustração, editorial, artigos teóricos e práticos da pedagogia social, aconteceu, acontecerá e comix, além da inserção de pensamentos e poesias. Essa estrutura, com pouquíssimas alterações, permanece desde o Boletim Zero. No entanto uma de nossas maiores preocupações tem sido a aproximação com nossos leitores e nesse aspecto temos, no âmbito do Círculo da Divulgação, a convicção de que há muito espaço para intensificarmos o relacionamento. Neste sentido reiteramos o convite para que os leitores façam contato conosco sobre temas que gostariam de ver publicados ou contribuir com o envio de pensamentos e perguntas. São essas contribuições valiosas que irão nos impulsionar para novos horizontes e o reflexo disso será percebido por todos. Desejamos a todos uma boa leitura.

Christian Folz, é membro da Associação de Pedagogia Social

PEDAGOGIA SOCIAL PARA TODOS

Empoderamento de Comunidades e Desenvolvimento Alternativo

Transcrito de gravação de palestra proferida por Max Neef, traduzida por Endre Király

Muito obrigado pelo convite que recebi para participar deste evento. Devo falar sobre empoderamento de comunidades e desenvolvimento alternativo. Isto é algo com o qual tenho estado ocupado por umas duas décadas ou mais. Gostaria de começar com um postulado fundamental e eu o chamo de postulado pois não admite discussão, ou você o aceita ou o descarta. Não tem sentido discuti-lo. Este postulado é que desenvolvimento tem a ver com pessoas e não com objetos. Se vocês aceitarem este postulado, podem seguir-me em algumas conclusões.

Se aceitarmos que desenvolvimento tem a ver com pessoas e não com objetos então a primeira pergunta importante que deveria surgir é: "Como posso determinar que um certo processo de desenvolvimento é melhor do que outro?". Na teoria econômica convencional temos indicadores macro-econômicos, PNB, e assim por diante, que normalmente são usados para definir que uma sociedade está melhor do que a outra. Mas o PNB em essência, caricaturizando um pouco, é um indicador de crescimento de objetos. Mas agora precisamos de um indicador do crescimento qualitativo das pessoas. Assim diríamos que o melhor desenvolvimento é aquele em que a qualidade de vida das pessoas mais cresce. A pergunta óbvia que segue é: "Como determino qualidade de vida?". Eu responderia que: "Qualidade de vida das pessoas depende das possibilidades que elas têm ou não têm de

adequadamente satisfazer suas necessidades humanas básicas. Novamente vem uma pergunta óbvia: "Quais são estas necessidades básicas e quem determina quais elas são?".

Uma importante consideração deve aqui ser feita. Em geral, quando falamos sobre necessidades em nossa linguagem cotidiana, e mesmo que teorizemos sobre isto, parece que as necessidades humanas são infinitas, que elas mudam o tempo todo, que são diferentes em diferentes culturas, que elas mudam ao longo da história e assim por diante. Bem, se isto fosse realmente assim, tanto por razões epistemológicas como metodológicas, seria muito difícil trabalhar com o conceito das necessidades humanas pois cada caso estudado seria único e seria muito difícil fazer qualquer tipo de generalização. Mas é minha impressão de que isto não é realmente assim e que a crença de que as necessidades humanas básicas mudam o tempo todo e são diferentes em culturas diferentes é só a consequência do engano, um erro conceitual no sentido de que não distinguimos entre as necessidades humanas propriamente ditas e as coisas que satisfazem tais necessidades. E isto é um grande erro conceitual. Se distinguirmos necessidades daquilo que as satisfaz então podemos dizer que as necessidades são poucas e classificáveis e, mais do que isto, eu ousa dizer que as necessidades humanas básicas são invariáveis. Elas são as mesmas em todos os lugares, sempre foram as mesmas e provavelmente serão as mesmas sempre. O que muda através da cultura e da história não são as necessidades básicas mas as coisas que as sociedades geram para satisfazer tais necessidades. Em outras palavras o que é determinado culturalmente não são as necessidades mas aquilo que satisfaz estas

necessidades. Isto leva imediatamente a uma contradição com o antigo conceito de necessidades básicas desenvolvido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Para mim, nenhuma daquelas necessidades básicas é uma necessidade básica. Comida não é uma necessidade: comida é algo que satisfaz minha necessidade de subsistência, abrigo algo que satisfaz minha necessidade de proteção, mas não são uma necessidade. Uma necessidade é por definição um estado interior da pessoa. Portanto uma necessidade não é algo exterior a mim mesmo, ela não pode ser uma coisa, um objeto.

No melhor dos casos aquela coisa exterior é algo que eu posso usar para satisfazer uma condição interior que é uma expressão de uma necessidade. Tendo dito isto, nós propomos que necessidades humanas básicas (quando digo nós refiro-me àqueles do meu instituto que desenvolveram toda uma teoria de escala de desenvolvimento humano) podem ser classificadas de acordo com dois critérios. Eu sublinho básicas pois estas são comuns a todo ser humano e não só a seres humanos mas a muitos animais como vocês verão daqui a pouco.

Podemos classificá-las de acordo com dois critérios: um é ontológico ou existencial onde distinguimos as necessidades de ser, de ter, de fazer e de interagir. E do ponto de vista axiomático ou de valor nós distinguimos nove necessidades humanas básicas que são necessidades de subsistência, de proteção, de afeto ou amor, participação, compreensão, ócio, criação, identidade e liberdade. Estas são para nós as nove necessidades básicas e se vocês pensarem um pouco sobre isto é quase que inimaginável uma sociedade de seres humanos que não tenha a necessidade de compreensão, a necessidade de participação e a necessidade de afeto, etc, etc. *Se vocês imaginarem isto como uma matriz de ser, fazer, ter e interagir na horizontal e na vertical estas nove necessidades, o que se tem é, simbolicamente, uma matriz.* Isto é o que chamamos de sistema das necessidades humanas, querendo dizer com sistema que todos os seus componentes interagem e são inseparáveis; qualquer coisa que aconteça a um deles afeta todo o resto. E se você imagina isto como uma matriz de quatro por nove você tem trinta e seis quadrados.

Estes trinta e seis quadrados estão vazios; você os preenche com aquilo que o satisfaz. E estes são abertos a qualquer cultura, a qualquer povo, a qualquer grupo. Você verá quais deverão ser os atributos do seu ser a fim de satisfazer suas necessidades de compreensão, o que você terá que *fazer* para satisfazer sua compreensão, o que você precisará *ter* para satisfazer sua compreensão e que formas de *interação* são necessárias para satisfazer sua compreensão, ou seu amor, ou sua identidade, ou sua liberdade ou o que você quiser. O que permanece constante são as necessidades mas o que você usa para preencher os quadrados é determinado por uma cultura ou uma circunstância, uma situação, uma ocasião ou um tipo de sociedade ou grupo que você queira analisar.

Agora, se imaginarmos estas necessidades humanas básicas como um sistema podemos imediatamente reconceitualizar uma série de coisas e a primeira coisa a reconceitualizar é o conceito de pobreza. Estamos acostumados a identificar pobreza apenas com a subsistência, que é com o que os economistas têm se ocupado. Mas também podemos falar de pobreza de

proteção devido à corrida armamentista ou o aumento de violência, insegurança, etc.; pobreza de afeto devido ao machismo, discriminação das mulheres, violência sexual, etc; pobreza de compreensão pois ao invés de termos sistemas educacionais reais temos sistemas de doutrinação ou sistemas mecânicos de ensino sem comprometimento; pobreza de identidade devido a discriminações religiosas e ideológicas ou perseguições, exílio, etc. Vocês podem imaginar cada pobreza por vocês mesmos. Mas agora o ponto importante é que se você pensa em pobres e você observa o mundo no qual vivemos hoje, vocês imediatamente perceberão que quando qualquer uma destas pobres exceder um certo limiar de duração ou intensidade, ela gera uma patologia. Pessoas não morrem só de fome, mas você pode se destruir devido a uma crise de identidade ou porque você sente que lhe falta muito o afeto ou qualquer outra coisa. Qualquer uma destas pobres pode ser totalmente destrutiva.

Mas o que é ainda mais preocupante, quando olhamos para o mundo hoje, é que ao invés de encontrar casos de patologias individuais, isto é casos de indivíduos cujas necessidades estão totalmente insatisfeitas, o que descobrimos cada vez mais são casos de patologia coletiva. E estamos cheios destes casos no mundo: na antiga Iugoslávia e na antiga União Soviética, no Líbano, na Irlanda do Norte, o que lá tem acontecido por décadas e décadas, em alguns casos com extrema violência, é de uma forma ou outra o resultado da destruição desta matriz das necessidades humanas básicas. Particularmente em muitos casos foi assim por necessidades básicas tais como identidade terem sido suprimidas por muito tempo. De repente, bum, é como uma explosão, que sai e se expressa das piores formas.

Agora, se reconhecemos que esta matriz, da forma como ela é satisfeita ou não satisfeita, determina a qualidade de vida das pessoas, deveria ficar claro que a forma de orientar um caminho de desenvolvimento é levá-la em consideração. Em outras palavras: o que estamos fazendo? Que projetos estamos desenvolvendo? Que políticas econômicas estamos propondo e qual será seu impacto com relação às necessidades humanas? Você pode ouvir uma autoridade econômica dizer por exemplo: "Nestas condições uma porcentagem de desemprego de sete por cento é normal". Bem, o que acontece com a matriz de necessidades humanas daqueles sete por cento de seres humanos? Desempregado por um ano ou mais? Isto destrói a possibilidade de subsistência, cria insegurança, gera crise de identidade, você deixa de compreender, você tem conflitos na sua família que destroem o afeto, pode levar ao divórcio e você fica bravo com seus filhos, etc, etc.

Então, o que aquela autoridade considera normal pode ser, se você olha nos olhos das pessoas, totalmente destrutivo. Estamos hoje vivendo sob um sistema econômico neo-liberal e eu os convido a percorrermos com absoluta honestidade esta lista de necessidades humanas básicas e ver como este sistema econômico está contribuindo para a satisfação ou não destas necessidades básicas.

Subsistência; entre 1960 e 1991 a desigualdade no mundo dobrou. Em 1960 a relação da renda dos 20% mais ricos em relação aos 20% mais pobres era de 30 para 1. Em 1991 é de 61 para 1. A desigualdade entre extremos dobrou! Este é só um exemplo de como a pobreza está

crescendo num nível global.

Proteção: nós temos uma das maiores autoridades mundiais aqui, o que é uma imensa honra para nós, que poderia dizer o que está acontecendo com a proteção no mundo mas nós até sabemos, não é?

Afeto: destruição de famílias, destruição por todo lado do tecido social, como consequência de um sistema onde cobiça e acúmulo são valores fundamentais.

Compreensão: vejamos. Sou reitor de uma universidade e estou perfeitamente consciente do que está acontecendo com as universidades do mundo hoje. São como fábricas de lingüiças: você produz profissionais tão rapidamente quanto possível para serem tão eficientes quanto possível e tão sem cultura quanto possível pois se você tiver muita cultura pode se tornar perigoso: você pode pensar demais, refletir demais e o que você deve ser é uma pessoa eficiente.

Participação: de que tipo de participação podemos falar se uma das destruições sistemáticas que estão ocorrendo é precisamente a destruição da comunidade? Comunidades estão desaparecendo por todo lado. Num país como a Espanha, nas últimas duas décadas, 3600 cidades e vilarejos foram abandonados. Estamos vivendo num sistema econômico onde não só formas de produção se tornam inviáveis mas também lugares onde nascemos, onde pessoas morreram, onde amaram, trabalharam, sonharam, lutaram, dançaram, foram felizes, deixam de ser viáveis. O que acontece com aquelas pessoas que viveram nestes 3600 vilarejos?

Isto também está acontecendo na vizinha França, uma

cultura também composta por vilarejos, onde aquele vilarejo, que tem aquele tipo especial de queijo, também está colapsando. Não há mais lugar para tal coisa que deve ser substituída por algo mais eficiente como um Mc Donald's ou um Kentucky Fried Chicken. Isto é desenvolvimento. Percorra a lista e você saberá honestamente quais destas necessidades humanas básicas está sendo realmente atendida e gloriosamente satisfeita pelo sistema que estamos todos aceitando. Exceto depois do jantar, em conversas onde estamos fazendo críticas. Mas quando vamos para casa todos praticamos mais do mesmo. Como cientista sei que não posso prever o comportamento de sistemas complexos e um sistema vivo é um sistema complexo. Mas a intuição ajuda.

Não estou fazendo uma previsão mas tenho a intuição, a forte intuição, de que quando daqui a 40 ou 50 anos as pessoas estiverem estudando o que aconteceu nas últimas décadas do século vinte, chegarão à conclusão de que passamos por uma gigantesca loucura coletiva. Estamos todos doentes e isto é, no meu modo de ver as coisas, como o que acontece com um alcoólatra. Se você quiser se curar do alcoolismo, você precisa primeiro reconhecer que você é um alcoólatra. Caso contrário você nunca superará seu alcoolismo.

Da mesma forma penso que precisamos reconhecer que somos parte de uma grande doença. Nunca houve na história um período em que tudo que fazemos fosse tão auto-destrutivo. E isto é uma gigantesca patologia coletiva e se nos dermos conta dela poderá ser o primeiro passo para alcançarmos uma cura adequada.

PARADIGMAS DE UMA ECONOMIA FRATERNA

Hélcio de Castro Padrão

Thais Abi-Sâmara

Berenice von Rückert

Se aprofundarmos na principal razão ou razões da existência humana, acreditamos que o aprendizado ocupa posição de destaque.

Podemos dividir o aprendizado em três partes:

- auto-conhecimento;
- desenvolvimento do relacionamento social;
- agir fraterno (contribuir para a sociedade / comunidade).

Ao analisarmos o ideal trimembrado que surgiu na Revolução Francesa, *liberdade, igualdade e fraternidade*, tanto a liberdade no pensar quanto a igualdade nas relações haviam sido descritas na Carta dos Direitos do Homem em 1789 (que posteriormente foi inserida na Constituição Francesa por Napoleão Bonaparte):

"Artigo I. Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos. As distinções sociais não podem ser fundamentadas senão sobre a utilidade comum"

"Artigo 11. A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente,

respondendo pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei".

"Artigo 12. A garantia dos direitos do homem e do cidadão necessita de uma força pública; por conseguinte, esta força fica instituída para o benefício de todos, e não para a utilidade particular daqueles a quem ela for confiada".

Embora fizesse parte do ideal francês, a palavra "fraternidade" não aparece nesta Carta e sequer fora relacionada com o "querer" ou com a vida econômica. *Por que?*

Bem, o homem precisou desenvolver o seu eu, tomar consciência de seus direitos para poder reivindicá-los, e lutar contra as formas de opressão.

Mas a *fraternidade* não é um direito. É um dever. Por isso não poderia estar presente em uma carta de direitos. Outro motivo é que a Revolução Francesa fora encabeçada pela burguesia mercantilista, que queria a liberdade na economia uma vez que sofriam com a excessiva intervenção do Estado neste setor.

Atualmente vivemos o momento de uma nova tomada de consciência por parte da humanidade: a conscientização de que também temos deveres. E este processo é mais doloroso porque significa abrir mão de muitas coisas, compartilhar e, antes de tudo, requer aprendizado contínuo. Em contrapartida é um caminho que traz muitas realizações. E é este aspecto que gostaríamos de enfatizar, o da Fraternidade no Querer ou da Economia Fraterna.

Embora o aprendizado tenha relevante importância na vida

humana e que o trabalho seja a melhor forma de contribuir para a comunidade, o que motiva este trabalho ainda é o auto-sustento, a realização pessoal e a satisfação dos desejos individuais. Uma pessoa que trabalha com este impulso não contribui com o quanto é capaz, mas com o quanto ele quer ganhar.

Como disse R. Steiner:

"É que ser auto-sustentador significa trabalhar para o ganha pão; já trabalhar para os outros significa trabalhar a partir das necessidades sociais".

Mudar de um sistema centrado no individualismo (egocentrista) e ir em direção a um sistema voltado para o social significa uma mudança radical em nossos conceitos. O jargão "temos que atender às necessidades de nossos clientes", embora maciçamente utilizado pelas organizações, ainda não foi amplamente entendido e sequer utilizado de forma pura. O que ainda motiva as ações da maioria das organizações e das pessoas é o lucro e não atender as reais necessidades dos clientes. O que não entendemos é que, a longo prazo, atender realmente às necessidades dos clientes e ter lucro estão intimamente ligados.

O lucro e o acúmulo de capital permitem o desenvolvimento humano, pois possibilitam o investimento em estudos e pesquisas. O problema é quando o homem se apropria deste capital, se sente dono dele.

O capital surge na atuação do Espírito do homem no trabalho. E esta atuação resulta no surgimento de novos produtos e do aumento de produtividade, enriquecendo a comunidade. E é da comunidade o resultado deste trabalho. Ao homem, cabe sua remuneração, de forma que atenda suas necessidades. Quando ele se apropria deste capital e o acumula, pura e simplesmente, ele o estanca, fazendo o efeito inverso, não permitindo o desenvolvimento da sociedade, uma vez que este não movimenta a economia, e não facilita a atuação de outras pessoas com capacidade empreendedora no sistema.

E esta mudança não virá de forma imposta, pois cabe ao empreendedor o destino da aplicação do capital excedente. Temos sim que nos conscientizar todos das conseqüências reais de nossos atos, para que possamos agir de forma mais construtiva.

E o primeiro passo nesta direção, voltando ao início deste texto, significa justamente:

- auto-conhecimento;
- desenvolvimento no relacionamento social;
- atuação fraterna.

Este é um dos paradigmas da economia desta nova era. Precisamos investir no desenvolvimento humano como um todo. E esta necessidade já se faz sentir em todas as organizações.

Quando conseguirmos quebrar este sistema individualista e caminharmos para um sistema cooperativo, a humanidade terá dado um importante passo para seu desenvolvimento. E construiremos uma sociedade mais justa, menos desigual, onde todos tenham as mesmas oportunidades e onde as diferenças sejam respeitadas, transformando a Terra em um lugar melhor para todos vivermos. E se observarmos bem 'a nossa volta, poderemos perceber que esta mudança já está começando.

O CÂMBIO E OS JUROS

Vivenciamos uma economia globalizada. O comércio entre os povos existe há milênios. E não será diferente. E nem poderia ser, pois vivemos em um planeta onde todos os seres humanos estão interligados, formando uma comunidade global. A maioria dos países não é auto-suficiente e depende deste comércio para sobreviver.

Como disse R. Steiner no livro Economia Viva:

"Os diferentes Estados podem ser comparados às células de um organismo e, somente toda a Terra, como corpo econômico, pode ser comparada a um organismo. ...A Terra toda, tomada como um organismo econômico, é um organismo social."

Dentro desta estrutura global, um fato econômico se torna perverso: as diferenças cambiais entre as moedas dos diversos países.

O câmbio, da forma como é praticada hoje é completamente absurda. Um verdadeiro jogo especulativo, sem nenhuma regra lógica, completamente incoerente, onde o que vale, na verdade, é o ganho fácil e o que é pior: sem produzir nada. Uma pessoa que vive da especulação nada produz, mas se alimenta, se veste, se diverte, ou seja, consome como qualquer outro. Todos têm direito a este consumo. Mas aqueles que consomem, sem nada produzir em troca, são fardos para a sociedade, pois outros terão que trabalhar para mantê-los. Para se ter noção da falta de coerência e da perversidade que hoje significa o sistema cambial, basta observar os fatos presentes:

Se o Estados Unidos entrarem em guerra contra o Iraque, por que o Real se desvaloriza em relação ao dólar? Não é estranho? Não deveria a moeda norte americana se desvalorizar, já que são eles que estão gastando bilhões de dólares nesta batalha? Ou seja, tudo que acontece no cenário mundial desvaloriza nossa moeda. Que lógica há nisto tudo? A única lógica é que alguém ganha e alguém perde com toda esta especulação. E com certeza não é o setor produtivo, que se vê como um barco à deriva, em meio a toda esta tormenta. Para uma economia realmente globalizada, assim como fez a União Européia, teremos que caminhar gradativamente para uma moeda única e mundial. Sabemos que não será fácil, pois requer significativas melhorias nas condições econômicas dos países menos desenvolvidos. Mas este será um caminho necessário.

Outro problema que estrangula a economia é o juro. Nosso governo insiste na fórmula de aumentar o juro para conter a inflação. Embora tenha efeitos no curto prazo, uma vez que retém uma parte do capital especulativo mundial, no longo prazo os efeitos são arrasadores.

O que acontece quando o país aumenta sua taxa de juro? A dívida do governo aumenta de forma geométrica, que por sua vez necessita aumentar seus impostos, que hoje, no Brasil, já chega a 34% do PIB. Com isso o setor produtivo enfraquece, uma vez que o dinheiro em circulação diminui (está sendo sugado para o governo pagar suas dívidas) e o custo do dinheiro para investimentos fica cada vez mais caro. Por sua vez, os novos empreendedores se vêem em dificuldades para criar novas organizações. Sem esta atuação do Espírito humano no trabalho, forma-se menos capital. Sem capital a população empobrece. E sem

surgimento de novas empresas e sem novos investimentos no setor produtivo o desemprego aumenta. E este é um círculo vicioso que corrói e destrói a base econômica do nosso país. O governo alega que necessita conservar o juro alto para manter o capital especulativo estrangeiro no país. Mas um dia ele terá que deixar-nos uma vez que este só visa lucro fácil. Ou o governo favorece o setor produtivo ou favorece o especulativo. E se o governo não favorecer a produção, sua maior base de arrecadação, ele também morre.

Outra alegação do aumento do juro foi defendida pelo Banco Central baseando-se no aumento da inflação. E que esta inflação estaria elevada pelo aumento de circulação de dinheiro na economia. Este dado não condiz com o relatório do próprio Banco Central, que em 2002 constatou a diminuição das remunerações dos brasileiros. Se a renda diminuiu, como o dinheiro em circulação poderia ter aumentado? Na nossa opinião a inflação atual tem base em três pilares principais:

- o jogo especulativo do câmbio que desvalorizou sobremaneira a nossa moeda;
- os aumentos constantes das tarifas públicas, bem acima da inflação e os aumentos programados pelos setores

regulados pelo governo, como energia e telecomunicações;

- o aumento dos impostos.

No fundo não sabemos se a dívida brasileira é ou não pagável. Mas não é difícil entender o quanto estamos sendo sacrificados para saldar seus juros. E também não é difícil prever que, se hoje seja possível quitá-la, com estas taxas de juros exorbitantes, em pouco tempo não mais será.

Não será fácil para o país agir para não mais atrair este capital especulativo que aqui hoje reside. Será um remédio amargo e com certeza aprofundaremos em uma crise. Mas se não tomarmos as providências necessárias em tempo hábil, certamente experimentaremos algo muito pior.

Como citou R.Steiner, aumentar os juros para conter a alta dos preços é o mesmo que estar sentindo frio e aumentar a coluna de mercúrio de um termômetro.

Hélcio de Castro Padrão, Thaís Abi-Sâmara e Berenice von Rückert, são membros da Associação de Pedagogia Social e consultores da Ética Consultoria e Treinamento

O Encontro como possibilidade de desenvolvimento

Regina B. Erismann

Estamos sempre encontrando pessoas e, às vezes desencontrando também.

Podemos viver em sonolência, sem nos esforçarmos para entender o significado dos acontecimentos em nossas vidas. Desta forma, estamos abertos a influências externas e sofremos as conseqüências de lidar sempre com as surpresas da vida que nos pegam totalmente desprevenidos.

A agitação de nossos dias, a velocidade em que somos solicitados e cobrados, a complexidade dos sistemas em que estamos envolvidos, a luta árdua pela sobrevivência financeira e anímica, nos coloca um desafio para deixarmos de ser um brinquedo nas mãos de nosso entorno.

Este desafio pede a ampliação da consciência em relação à nossa própria realidade e se estende até as ações e detalhes de nossa vida cotidiana. Este desafio pode levar o indivíduo a uma ação no sentido de despertar o significado deste dia a dia.

De maneira geral, temos esvaziado o significado de nossa existência. Podemos ver isto na própria linguagem onde usamos palavras que não querem mais dizer exatamente o que elas significam. Muitas vezes, com indiferença encontramos pessoas, falamos por falar e com descuido tratamos o outro e os grupos a que pertencemos. Assim, vulgarizamos os encontros entre homens, que é um dos acontecimentos mais característicos da vida humana.

O desafio é recuperar o interesse pelo indivíduo e o significado dos encontros nos grupos em que atuamos e despertar neles o que de oculto vive, com a intenção de se chegar a uma ampliação da consciência e através dela, poder conduzir sua própria vida num contexto evolutivo

e criar condições de desenvolvimento para si, para o outro e para as condições sociais.

Quando encontramos alguém isoladamente ou mesmo quando as encontramos em grupos deveríamos nos fazer perguntas do tipo:

- Por que este encontro?
- Que quer se revelar?
- Qual seu significado em minha vida?
- Qual é meu vínculo com esta(s) pessoa(s)?
- E a partir desta reflexão: O que posso e quero fazer/criar com este encontro?

Desta forma, dá-se início a uma atividade interior que toca no íntimo do indivíduo e pode, muitas vezes, ecoar no íntimo de todos os envolvidos. Quando isto acontece, cada um fica autêntico na situação e em sintonia com sua essência. Nesta verdade surge a liberdade de criação onde se pode chegar a um suporte teórico consistente, a boas técnicas e a um processo dentro da teoria. Neste sentido, a metodologia da criação passa a ser o processo da busca da verdade. O auto-conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento entram em fluxo contínuo.

Se pensarmos que a história é construída pelos homens, a cada encontro podemos estar criando um espaço interior nos indivíduos onde a história pode ser criada num fluxo de desenvolvimento a partir do indivíduo nas famílias, grupos, organizações e sociedade. É aqui estamos no aspecto evolutivo dos encontros. Se eu mudo, o mundo a meu redor muda também.

Existe toda uma ciência para se lidar com indivíduos e grupos onde se pode tratar deste fenômeno do encontro e suas leis. E este é um campo de estudo. Também têm sido desenvolvidas inúmeras ferramentas que capacitam o homem a tratar tecnicamente deste assunto com

eficiência. E este é um campo de treino e exercício. Mas é na capacidade artística, muitas vezes, onde reside o desafio da capacitação do homem para lidar com seu meio. R. Steiner diz que o social é a mais refinada das artes.

E esta arte, a arte social, pode e deve ser aprendida e desenvolvida com o objetivo de conquistar e equilibrar os dois outros campos a partir da individualidade.

Se vivenciarmos nosso cotidiano nesta profundidade estaremos consagrando, tornando sagrado cada momento, cada encontro.

Obs: Nos Seminários de Pedagogia Social, nos Encontros de Biografia Social e no trabalho de consultoria do Núcleo Maturi, trabalhamos o fenômeno social a partir desta concepção dos encontros humanos e buscamos trabalhá-lo nestas três dimensões: Ciência, Arte e Técnica.

Regina Erismann, comunicóloga, é membro da Associação de Pedagogia Social e consultora do Núcleo Maturi de Ecologia Social

Dê-se tempo para trabalhar; é o preço do sucesso.
Dê-se tempo para pensar; é a fonte da energia.
Dê-se tempo para brincar; é o segredo da juventude.
Dê-se tempo para ser cordial; é o portal da felicidade.
Dê-se tempo para sonhar; é o caminho das estrelas.
Dê-se tempo para amar; é a verdadeira alegria da vida.
Dê-se tempo para ser feliz; é a música da alma.

Sabedoria islandesa

ACONTECEU

Estávamos entre as 120.000 pessoas no Fórum Social Mundial.

Regina B. Erismann.

A Pedagogia Social esteve presente no Fórum Social Mundial – 2003, em Porto Alegre, sob o guarda-chuva do Fórum pela Humanização do Social que aglutinou todas as iniciativas antroposóficas nas seguintes Oficinas:

- Economia e Transformação Social. Delegados: Regina B. Erismann e Deborah Worthington. Uma oficina com estudo de casos financeiros para a reflexão sobre a relação entre maneiras de se lidar com dinheiro e suas consequências no âmbito social.
- Doação e Empréstimo. Delegados: Lukas Klipstein e Gregor Kux. Relatos de experiências bancárias no âmbito do emprestar dinheiro com consciência.
- O Uso Consciente do Dinheiro. Delegados: Álvaro Musa, Lúcia Sigolo e Marco Carvalho. Oficina de discussão sobre o preço justo, o valor justo da remuneração do trabalho e dos dividendos e o que fazer com os excedentes.
- Desenvolvendo Comunidades Rurais. Delegado: Fernando Oliveira Amaral
- Oficina dos Três Setores. Delegados: Gregor Kux, Lúcia Sigolo e Marco Carvalho. A relação entre o setor público, privado e sociedade organizada.
- Uma outra Favela é possível ", Delegado: Maria Letícia Puglisi Munhoz e Steffen Kommer. Jovens da favela, do bairro, da classe média e de vários países (Alemanha, Japão, Noruega, Itália e Suíça) apresentam em forma de teatro a história da Monte Azul e dão uma mensagem de solidariedade e respeito pelas diferenças.
- "Da experiência ao conceito", Delegados: Renate Keller Ignácio e Mônica Winnubst. Formação de Educadores Comunitários da Monte Azul, desencadeando uma discussão sobre a necessidade e possibilidade de criar esta nova profissão.

- Oficina sobre Eiritmia e Pedagogia Waldorf. Delegada: Margrethe S. Larsen. Vivências com eiritmia e depoimentos sobre a pedagogia.

O clima de cooperação entre estes presentes foi grande. O pessoal local foi muito solícito, entre eles: Carlos Soares, ex-participante do Seminário de Pedagogia Social, Dra. Jacqueline, Fernando da Fazenda Volkmann. Gregor Kux foi um elemento aglutinador.

No Fórum, a busca por um novo social mais justo e humano estava presente. Incluir as diferenças era um tema central. Podia-se conversar com iraquianos e ouvir relatos dramáticos de um país que depois do fechamento de seus portos pagava por um dólar 2,5 denários e hoje paga 2500, numa escalada que ainda não parou.

Podia-se conviver com norte-americanos que não querem a guerra, o imperialismo, à prepotência e se organizam para protestar. Podia-se conviver com fatos dos quais a imprensa não fala. Podia-se perguntar se os governos estão mesmo representando o querer de seus povos.

O idealismo era grande e contagiante, mas alguns conferencistas alertavam que, na reconstrução do novo social, o diálogo não será fácil e o caminho será árduo.

A pedagogia social a partir da visão social de Steiner pode contribuir na renovação do indivíduo, de suas estruturas e do diálogo necessário para tal. Traz a dimensão espiritual, que por vezes faltava. Para os próximos anos, poderíamos nos articular melhor para contribuir mais.

Regina Erismann, comunicóloga, é membro da Associação de Pedagogia Social e consultora do Núcleo Maturi de Ecologia Social

DEPOIMENTO SOBRE O SEMINARIO DE PEDAGOGIA SOCIAL – ORGANIZAÇÕES

Seminário realizado de 25 a 29 de Março de 2003

Estivemos reunidos, um Grupo de 15 Pessoas, durante 4 Dias, no Centro Paulus, num Esforço de Entendimento de nossas Organizações e de nosso Papel dentro delas.

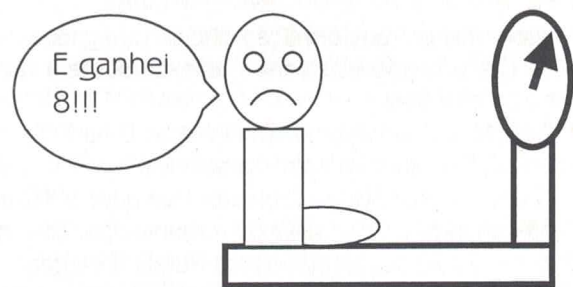
A Coordenação esteve a cargo da Mariângela e da Regina, e a Raquel foi a Monitora, portanto Direção feminina: firme e suave.

O Suporte artístico foi especialmente valoroso. A Atividade com Bastões de Cobre deixou um Gosto de “quero mais”.

Salve todos os que (encarnados e desencarnados) nos trouxeram o Entendimento de que o Organismo Social é trimenbrado e nos têm ensinado como trabalhar com isso.

Odila Boeira – participante do Seminário

COMIX vigilante do peso



Christian

O que indicaria essa balança se ela medisse as oportunidades que voce utilizou e não utilizou como pedagogico social?



"Empoderamento" de Comunidades e Desenvolvimento Alternativo

*Transcrito de gravação
da palestra proferida
por Max Neef,
traduzida
por Endre Király*

Muito obrigado pelo convite que recebi para participar deste evento. Devo falar sobre "empoderamento" de comunidades e desenvolvimento alternativo. Isto é algo com o qual tenho estado ocupado por umas duas décadas ou mais. Gostaria de começar com um postulado fundamental e eu o chamo de postulado, pois não admite discussão, ou você o aceita ou o descarta. Não tem sentido discuti-lo. Este postulado é que desenvolvimento tem a ver com pessoas e não com objetos. Se vocês aceitarem este postulado, podem seguir-me em algumas conclusões.

Se aceitarmos que desenvolvimento tem a ver com pessoas e não com objetos então a primeira pergunta importante que deveria surgir é: "Como posso determinar que certo processo de desenvolvimento seja melhor do que outro?". Na teoria econômica convencional temos indicadores macroeconômicos, PNB, e assim por diante, que normalmente são usados para definir que uma sociedade está melhor do que a outra. Mas o PNB em essência, caricaturando um pouco, é um indicador de crescimento de objetos. Mas agora precisamos de um indicador do crescimento qualitativo das pessoas. Assim diríamos que o melhor desenvolvimento é aquele em que a qualidade de vida das pessoas mais cresce. A pergunta óbvia que segue é: "Como determino qualidade de vida?".

Eu responderia que: "Qualidade de vida das pessoas depende das possibilidades que elas têm ou não têm de adequadamente satisfazer suas

necessidades humanas básicas. Novamente vem uma pergunta óbvia: "Quais são estas necessidades básicas e quem determina quais elas são"?".

Uma importante consideração deve aqui ser feita. Em geral, quando falamos sobre necessidades em nossa linguagem cotidiana, e mesmo que teorizemos sobre isto, parece que as necessidades humanas são infinitas, elas mudam o tempo todo, são diferentes em diferentes culturas, e elas mudam ao longo da história e assim por diante. Bem, se isto fosse realmente assim, tanto por razões epistemológicas como metodológicas, seria muito difícil trabalhar com o conceito das necessidades humanas, pois cada caso estudado seria único e seria muito difícil fazer qualquer tipo de generalização. Mas é minha impressão de que isto não é realmente assim e que a crença de que as necessidades humanas básicas mudam o tempo todo e são diferentes em culturas diferentes é só a consequência do engano, um erro conceitual no sentido de não distinguir entre as necessidades humanas propriamente ditas e as coisas que satisfazem tais necessidades. E isto é um grande erro conceitual. Se distinguirmos necessidades daquilo que as satisfaz então podemos dizer que as necessidades são poucas e classificáveis e, mais do que isto, eu ousou dizer que as necessidades humanas básicas são invariáveis. Elas são as mesmas em todos os lugares, sempre foram as mesmas e provavelmente serão as mesmas sempre. O que muda através da cultura e da história não são as necessidades básicas, mas as coisas que as sociedades geram para satisfazer tais necessidades. Em outras palavras o que é determinado culturalmente não são as necessidades, mas aquilo que satisfaz estas necessidades. Isto leva imediatamente a uma contradição com o antigo conceito de necessidades básicas desenvolvido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Para mim, nenhuma daquelas necessidades básicas é uma necessidade básica. Comida não é uma necessidade: comida é algo que satisfaz minha necessidade de subsistência, abrigo algo que satisfaz minha necessidade de proteção, mas não é uma necessidade. Uma necessidade é por definição um estado interior da pessoa. Portanto uma necessidade não é algo exterior a mim mesmo, ela não pode ser uma coisa, um objeto.

No melhor dos casos aquela coisa exterior é algo que eu posso usar para satisfazer uma condição interior que é uma expressão de uma necessidade. Tendo dito isto, nós propomos que necessidades humanas básicas (quando dizemos nós refiro-me àqueles do meu instituto que desenvolveram



"Empoderamento" de Comunidades e Desenvolvimento Alternativo por Max Neef - Publicado no Boletim nº 17 - Abril 2003

toda uma teoria de escala de desenvolvimento humano) podem ser classificadas de acordo com dois critérios. Eu sublinho básicas, pois estas são comuns a todo ser humano e não só a seres humanos, mas a muitos animais como vocês verão daqui a pouco.

Podemos classificá-las de acordo com dois critérios: um é ontológico ou existencial onde distinguimos as necessidades de ser, de ter, de fazer e de interagir. E do ponto de vista axiomático ou de valor nós distinguimos nove necessidades humanas básicas que são necessidades de subsistência, de proteção, de afeto ou amor, participação, compreensão, ócio, criação, identidade e liberdade. Estas são para nós as nove necessidades básicas e se vocês pensarem um pouco sobre isto é quase que inimaginável uma sociedade de seres humanos que não tenha a necessidade de compreensão, a necessidade de participação e a necessidade de afeto, etc., etc. Se vocês imaginarem isto como uma matriz de ser, fazer, ter e interagir na horizontal e na vertical estas nove necessidades, o que se tem é, simbolicamente, uma matriz. Isto é o que chamamos de sistema das necessidades humanas, querendo dizer com sistema que todos os seus componentes interagem e são inseparáveis; qualquer coisa que aconteça a um deles afeta todo o resto. E se você imagina isto como uma matriz de quatro por nove, você tem trinta e seis quadrados.

Estes trinta e seis quadrados estão vazios; você os preenche com aquilo que o satisfaz. E estes são abertos a qualquer cultura, a qualquer povo, a qualquer grupo. Você verá quais deverão ser os atributos do seu ser a fim de satisfazer suas necessidades de compreensão, o que você terá que fazer para satisfazer sua compreensão, o que você precisará ter para satisfazer sua compreensão e que formas de interação são necessárias para satisfazer sua compreensão, ou seu amor, ou sua identidade, ou sua liberdade ou o que você quiser. O que permanece constante são as necessidades, mas o que você usa para preencher os quadrados é determinado por uma cultura ou uma circunstância, uma situação, uma ocasião ou um tipo de sociedade ou grupo que você queira analisar.

Agora, se imaginarmos estas necessidades humanas básicas como um sistema nós podemos imediatamente conceituar novamente uma série de coisas

e a primeira coisa a conceituar novamente é o conceito de pobreza. Estamos acostumados a identificar pobreza apenas com a subsistência, que é com o que os economistas têm se ocupado. Mas também podemos falar de pobreza de proteção devido à corrida armamentista ou o aumento de violência, insegurança, etc.; pobreza de afeto devido ao machismo, discriminação das mulheres, violência sexual, etc.; pobreza de compreensão pois ao invés de termos sistemas educacionais reais temos sistemas de doutrinação ou sistemas mecânicos de ensino sem comprometimento; pobreza de identidade devido a discriminações religiosas e ideológicas ou perseguições, exílio, etc. Vocês podem imaginar cada pobreza por vocês mesmos. Mas agora o ponto importante é que se você pensa em pobrezas e você observa o mundo no qual vivemos hoje, vocês imediatamente perceberão que quando qualquer uma destas pobrezas excederem um certo limiar de duração ou intensidade, ela gera uma patologia. Pessoas não morrem somente de fome, mas você pode se destruir devido a uma crise de identidade ou porque você sente que lhe falta muito o afeto ou qualquer outra coisa. Qualquer uma destas pobrezas pode ser totalmente destrutiva.

Mas o que é ainda mais preocupante, quando olhamos para o mundo hoje, é que ao invés de encontrar casos de patologias individuais, isto é caso de indivíduos cujas necessidades estão totalmente insatisfeitas, o que descobrimos cada vez mais são casos de patologia coletiva. E estamos cheios destes casos no mundo: na antiga Iugoslávia e na antiga União Soviética, no Líbano, na Irlanda do Norte, o que lá tem acontecido por décadas e décadas, em alguns casos com extrema violência, é de uma forma ou outra o resultado da destruição desta matriz das necessidades humanas básicas. Particularmente em muitos casos foi assim por necessidades básicas tais como identidade terem sido suprimidas por muito tempo. De repente, "bum", é como uma explosão, que sai e se expressa das piores formas.

Agora, se reconhecemos que esta matriz, da forma como ela é satisfeita ou não satisfeita, determina a qualidade de vida das pessoas, deveria ficar claro que a forma de orientar um caminho de desenvolvimento é levá-la em consideração. Em outras palavras: o que estamos fazendo? Que projetos estamos desenvolvendo? Que políticas econômicas estamos propondo e qual será seu impacto com relação às necessidades humanas? Você pode ouvir uma autoridade econômica dizer, por exemplo: "Nestas condições uma porcentagem de desemprego de sete por cento



"Empoderamento" de Comunidades e Desenvolvimento Alternativo por Max Neef - Publicado no Boletim n# 17 - Abril 2003

é normal". Bem, o que acontece com a matriz de necessidades humanas daqueles sete por cento de seres humanos? Desempregado por um ano ou mais? Isto destrói a possibilidade de subsistência, cria insegurança, gera crise de identidade, você deixa de compreender, você tem conflitos na sua família que destroem o afeto, pode levar ao divórcio e você fica bravo com seus filhos, etc.

Então, o que aquela autoridade considera normal pode ser, se você olha nos olhos das pessoas, totalmente destrutivo. Estamos hoje vivendo sob um sistema econômico neoliberal e eu os convido a percorrerem com absoluta honestidade esta lista de necessidades humanas básicas e ver como este sistema econômico está contribuindo para a satisfação ou não destas necessidades básicas.

Subsistência; entre 1960 e 1991 a desigualdade no mundo dobrou. Em 1960 a relação da renda dos 20% mais ricos em relação aos 20% mais pobres era de 30 para 1. Em 1991 é de 61 para 1. A desigualdade entre extremos dobrou! Este é só um exemplo de como a pobreza está crescendo num nível global.

Proteção: nós temos uma das maiores autoridades mundiais aqui, o que é uma imensa honra para nós, que poderia dizer o que está acontecendo com a proteção no mundo mas nós até sabemos, não é?

Afeto: destruição de famílias, destruição por todo lado do tecido social, como consequência de um sistema onde cobiça e acúmulo são valores fundamentais.

Compreensão: vejamos. Sou reitor de uma universidade e estou perfeitamente consciente do que está acontecendo com as universidades do mundo hoje. São como fábricas de lingüiças: você produz profissionais tão rapidamente quanto possível para serem tão eficientes quanto possível e tão sem cultura quanto possível, pois se você tiver muita cultura pode se tornar perigoso: você pode pensar demais, refletir demais e o que você deve ser é uma pessoa eficiente.

Participação: de que tipo de participação podemos falar se uma das destruições sistemáticas que estão ocorrendo é precisamente a destruição da comunidade? Comunidades estão desaparecendo por todo lado. Num país como a Espanha, nas últimas duas décadas, 3600 cidades e vilarejos foram abandonados. Estamos vivendo num

sistema econômico onde não só formas de produção se tornam inviáveis mas também lugares onde nascemos, onde pessoas morreram, onde amaram, trabalharam, sonharam, lutaram, dançaram, foram felizes, deixam de ser viáveis. O que acontece com aquelas pessoas que viveram nestes 3600 vilarejos?

Isto também está acontecendo na vizinha França, uma cultura também composta por vilarejos, onde aquele vilarejo, que tem aquele tipo especial de queijo, também está colapsando. Não há mais lugar para tal coisa que deve ser substituída por algo mais eficiente como um Mc Donald's ou um Kentucky Fried Chicken. Isto é desenvolvimento. Percorra a lista e você saberá honestamente quais destas necessidades humanas básicas estão sendo realmente atendidas e gloriosamente satisfeitas pelo sistema que estamos todos aceitando. Exceto depois do jantar, em conversas onde estamos fazendo críticas. Mas quando vamos para casa todos praticamos mais do mesmo.

Como cientista sei que não posso predir o comportamento de sistemas complexos e um sistema vivo é um sistema complexo. Mas a intuição ajuda.

Não estou fazendo uma previsão, mas tenho a intuição, a forte intuição, de que quando daqui a 40 ou 50 anos as pessoas estiverem estudando o que aconteceu nas últimas décadas do século vinte, chegarão à conclusão de que passamos por uma gigantesca loucura coletiva. Estamos todos doentes e isto é, no meu modo de ver as coisas, como o que acontece com um alcoólatra. Se você quiser se curar do alcoolismo, você precisa primeiro reconhecer que você é um alcoólatra.. Caso contrário você nunca superará seu alcoolismo.

Da mesma forma penso que precisamos reconhecer que somos parte de uma grande doença. Nunca houve na história um período em que tudo que fazemos fosse tão auto-destrutivo. E isto é uma gigantesca patologia coletiva e se nos dermos conta dela poderá ser o primeiro passo para alcançarmos uma cura adequada.